



Entrevista concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após solenidade simultânea de início do Mutirão Arco Verde/Terra Legal nos estados de Mato Grosso, Pará e Rondônia

Alta Floresta-MT, 19 de junho de 2009.

Presidente: Bom dia. Vocês vão começar a fazer perguntas ou não? Mas vamos limitar, aqui, a duas perguntas locais e duas nacionais. Cadê o coordenador? Coordena aí, meu filho.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Primeiro, eu tenho um profundo respeito pelas ONGs, mas não sou obrigado a concordar com o que elas dizem. O projeto de lei, tal como está, não incentiva a grilagem de terra em hipótese alguma. O governo está disposto a debater com qualquer ONG e qualquer público porque, primeiro, a medida provisória foi resultado de um grande acordo no Congresso Nacional, em que participaram todos os partidos.

Ontem eu fiz uma reunião com quase nove ministros, discutimos, fizemos um levantamento. Eu tenho até o dia 25 para decidir se vou sancionar as mudanças. Mas, independentemente de mudar qualquer coisa, eu posso dizer que as ONGs não estão dizendo a verdade quando dizem que a medida provisória incentiva a grilagem de terras no Brasil. O que nós queremos fazer é exatamente garantir que as pessoas tenham o título da terra, para ver se a gente acaba com a violência neste país. É isso que nós queremos fazer, e vamos fazer.

Jornalista: Presidente, a região trabalha com pessoal (incompreensível). Nós temos que ter muitos aeroportos no Centro-Oeste. O Presidente pode trazer



para a região um caminhão (incompreensível), só para ver o quanto carece?

Presidente: Veja, deixe eu lhe dizer uma coisa: o fato de o aeroporto não estar funcionando por conta do caminhão é um problema de segurança da Anac, porque nós todo dia rezamos para que não aconteça nunca nenhum acidente, mas se um dia acontecer, o governo pagará o preço porque não tem o caminhão.

Eu recebi uma reivindicação da Prefeita. Chegando lá em Brasília eu vou conversar com o Ministro da Defesa, porque se nós fizemos o aeroporto, nós temos que colocá-lo para funcionar. Se para funcionar precisa do caminhão, nós vamos ter que arrumar o caminhão, porque não pode ficar um aeroporto grande, que pousa até o avião do presidente da República, sem funcionar normalmente para as pessoas que querem fazer turismo ou fazer investimento na região.

Jornalista: Uma local aqui, também.

Presidente: Mas essa não foi local?

_____ : Não, foi da cidade vizinha.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Olha, primeiro eu e o Blairo temos mandato até o dia 31 de dezembro de 2010. Obviamente que um homem da qualificação do Blairo pode exercer qualquer cargo neste país. Eu não conversei com o Blairo sobre o futuro dele, sobre o que ele quer fazer, se ele vai ficar no governo, se ele vai sair, se vai (falha na gravação) alguma coisa. De qualquer forma, o que eu posso dizer para vocês é o seguinte: o Blairo é um parceiro de primeira hora,



tem sido um governador que tem tido um grau de companheirismo e de lealdade, e isso é recíproco (falha na gravação) e que nós vamos estar juntos em qualquer circunstância. O Blairo é quem escolhe o que ele vai querer ser na vida.

Agora uma para cá.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja, nesse programa que nós anunciamos, nós já estamos incentivando as pessoas. Os pequenos produtores que começarem a plantar árvores nas terras que foram degradadas, [para] esses nós já vamos pagar R\$ 100,00 por mês. Mas a minha proposta ao ministro Minc e ao ministro Reinhold Stephanes é de que a gente construa um projeto de fazer da política de florestamento [reflorestamento], sobretudo de árvores nobres no Brasil que já foram extintas, [como] por exemplo, o jacarandá, o pau-brasil, o mogno... Nós precisamos pensar em fazer com que as pessoas sintam que plantando elas vão ganhar mais dinheiro do que desmatando. Essa é a lógica. Em vez de você proibir, criar as condições para que as pessoas possam produzir tranquilamente, e nós temos espaço. O Blairo sabe que são milhões de hectares de terras já degradadas, e nós precisamos recuperá-las. Para recuperar, nós temos que plantar alguma coisa. Nós temos o biodiesel, que pode ser ocupada uma parte, nós temos o florestamento [reflorestamento], que pode ser outra parte.

O dado concreto e objetivo é o seguinte: o Brasil está entendendo que a preservação das nossas florestas é hoje uma vantagem comparativa para o Brasil na sua relação comercial internacional. Se a gente não pensar assim, a gente um dia pode sofrer um choque muito grande. O Blairo que é um produtor e qualquer produtor brasileiro sabe das exigências que são feitas hoje no chamado mundo desenvolvido. Daqui a pouco tem pessoas que não vão



querer comprar a carne brasileira, daqui a pouco, tem pessoas que não vão querer comprar a soja brasileira, daqui a pouco tem pessoas que não vão querer comprar o milho brasileiro, o algodão. Então, o que nós precisamos, na verdade, é aproveitar que nós somos um dos poucos países do mundo que ainda tem quase a totalidade da sua floresta tropical intacta – os outros já desmataram tudo o que tinham – e a gente fazer disso uma forma de ganhar recursos para o Brasil e, ao mesmo tempo, fazer disso uma forma de o pequeno produtor conquistar a sua dignidade. É um debate extraordinário, é um debate que o Brasil não tem medo. O Brasil é um país que tem 85% da sua energia elétrica limpa, o Brasil tem 45% do total da sua matriz energética limpa e a União Europeia tem apenas 12 [%]. Então, nessa área, o Brasil tem condições de fazer grandes negócios, não desmatando, mas preservando.

Mais uma, gente.

Jornalista: (incompreensível) através dos nossos frigoríficos. De que forma o governo vai agir para que esses frigoríficos reabram e alimentem o emprego da nossa região...

Presidente: Já faz...

Jornalista: (incompreensível) em alguns supermercados, muitos estão comprando a carne de alguns frigoríficos que estão entregando carne da área da Amazônia.

Presidente: Veja, isso vai acontecer. Isso vai acontecer em muitos lugares do mundo. Mas a questão dos frigoríficos, propriamente dita. Desde que quebrou aquele frigorífico grande, acho que em São Paulo, o Frigorífico Independência, que eu pedi ao BNDES para fazer um estudo sobre toda a situação dos frigoríficos no Brasil inteiro, porque quando quebra um grande, devem quebrar



centenas de pequenos. Então, o BNDES está estudando qual a possibilidade que a gente tem de ajudar os frigoríficos a voltarem a funcionar e também colocar os frigoríficos na legalidade, porque tinha muitos frigoríficos na ilegalidade, não pagavam impostos, muitas vezes exploravam muitos criadores de gado. Na hora de vender o produto, os frigoríficos pagavam muito pouco para eles, não tiravam nota fiscal. Então, já que houve a crise na área de frigoríficos, nós temos que aproveitar [para] sanear isso e fazer com que as coisas funcionem com melhor qualidade.

Mais uma.

Jornalista: (incompreensível) para a regularização de todas as terras no Mato Grosso?

Presidente: Nós estamos começando hoje. Você sabe que não será uma coisa fácil de fazer, porque não é apenas a regularização, ou seja, é a regularização, é o financiamento público, é o Pronaf, e tudo isso vai levar um tempo.

_____ : Tecnologia.

Presidente: O que nós queremos é ver se fazemos o máximo possível até 2010. A nossa idéia era tentar acabar isso até 2010. Vamos fazer um esforço para isso, mas se não der, quem vier depois de mim vai ter que continuar fazendo.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Olhe, eu estou convocando os prefeitos das cidades que mais tiveram queimadas nos últimos anos, para que a gente possa sentar com os prefeitos, o governo federal e o governo estadual dizerem o que querem dos



prefeitos e eles dizerem o que querem da gente, para que a gente possa construir uma solução negociada e os prefeitos entenderem que quanto menos queimada tiver na cidade deles, mais a cidade pode ganhar incentivo do governo estadual e do governo federal.

_____ : Nós fizemos uma reunião preparatória para isso.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Por que você está me fazendo essa pergunta hoje? Podia ter feito ela ontem, ou no mês passado. É porque as coisas acontecem quando têm que acontecer. Houve um tempo, neste país, que as pessoas achavam que só por vir resolvia o problema. Depois, houve um tempo em que a gente achava que apenas de Brasília, fiscalizando, com fiscal, resolvia o problema. Depois houve um tempo em que a gente achava que só porque tinha foto de satélite resolvia, não resolveu o problema. Então, o que vai resolver é a gente chamar os agentes que estão envolvidos, pactuar com eles e cada um fazer um compromisso, um compromisso político, um compromisso ético, um compromisso formal. É isso que nós fizemos hoje.

Eu espero... Não estou preocupado com a repercussão lá fora, primeiro. Eu estou preocupado é que o Brasil ganhe cada vez mais autoridade para, em todos os foros internacionais a gente pode provar que finalmente o desmatamento diminuiu no Brasil, que as queimadas diminuíram e que este país vai ter zoneamento agroecológico bacana, vai ter zoneamento para soja, vai ter zoneamento para o biocombustível, vai ter zoneamento para a agricultura familiar. Ou seja, nós queremos que o País seja um país em que a gente saiba onde plantar, em que a gente saiba onde preservar. E os dois sirvam de fomento ao crescimento econômico do País.

Gente, um abraço.



_____ : Calma, calma, devagar, sem correria.

Presidente: Gente...

_____ : Senão não vai acabar nunca.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, não. Eu acho... Deixe-me falar uma coisa: eu acho que a crise no Senado vai ser resolvida pelo Senado. Não tem como o Presidente da República resolver a crise do Senado. Então, eu acho que lá todo mundo tem mais de 35 anos de idade, e eles vão resolver o problema. Olhe, gente, o Blairo Maggi sabe que nós estamos fazendo investimentos em todos os estados, dentro dos estados o Mato Grosso, e o Mato Grosso acaba de ganhar o direito de realizar uma sessão da Copa do Mundo aqui. Significa que de agora até 2010, nós vamos ter que ter um programa de mobilidade urbana para o estado do Mato Grosso, e sobretudo para a capital, porque vai precisar fazer corredor de ônibus, vai precisar ter hotel, vai precisar ter campo de futebol, vai precisar ter uma série de coisas que, em tempo de normalidade, não precisaria ter. Mas nós estamos vendo a Copa do Mundo como uma oportunidade para que a gente faça mais rapidamente aquilo que a gente não tinha como prioridade.

Então, eu acho que o estado está indo bem. A BR-163 foi uma estrada muito problemática, porque é uma estrada que nos causou problemas ambientais – 19 ministros participaram da BR-163, e agora ela vai ser resolvida definitivamente porque ela é extremamente importante. Eu [me] lembro que, em 1989 – eu era candidato a presidente – eu cheguei em Santarém, o pessoal queria que eu fosse em uma praça pública para assumir compromisso de que eu ia construir a rodovia Santarém-Cuiabá. Eu não fui, porque eu falei “eu só



posso assumir compromisso se eu conhecer o projeto e a viabilidade econômica”. Desde que eu tomei posse em 2003, já em 2004 começamos a trabalhar esse projeto. Era um projeto muito complicado, era um projeto que tinha muitas exigências. A gente sempre tem medo, quando faz uma rodovia, [que] haja uma devastação muito grande e uma especulação muito grande. Nós tomamos todos os cuidados e agora eu espero que proximamente a gente possa estar pronto para fazer a licitação.

Jornalista: É uma prioridade (incompreensível)?

Presidente: É prioridade, porque um estado como este aqui não pode ser penalizado de [por] ser um grande produtor de milho, e depois o milho fica muito caro porque o transporte encarece muito mais. Nós estamos tratando de fazer...

Jornalista: Tem prazo?

Presidente: Aqui no Brasil ninguém pode dar prazo. Lamentavelmente, é isso porque... veja, se você pensa em fazer uma obra, você tem que fazer o projeto básico. Do projeto básico você pede a licença, não é a licença prévia ainda. Depois, se a gente tem a licença... em quanto tempo? Um ano, seis meses, oito meses... Aí o Ministério Público não concorda e entra com um processo. Aquilo vai para uma ação, que demora um ano. Aí depois - eu só estou respondendo sobre o prazo, que ele perguntou aqui - aí, quando está tudo certo, você faz a licitação. Uma empresa que perdeu, entra na Justiça. É mais um ano parado. Quando está tudo pronto, o Tribunal de Contas acha que tem um defeito, e aí é mais um ano. Então, se a gente não tomar cuidado, um governador, um prefeito ou um presidente termina o mandato e não consegue fazer uma obra, no Brasil. Graças a Deus, com o PAC nós conseguimos



mobilizar o conjunto do governo e as instituições, e nós estamos liberando muito mais rapidamente as coisas. Então, nós já conhecemos [consequimos] o licenciamento, por exemplo, de Santo Antônio e Jirau, lá no rio Madeira. Nós vamos conseguir o licenciamento para Belo Monte, que estava há 20 anos proibido fazer estudos, não era de fazer. Havia no Brasil, cinco ou seis anos atrás, muita gente contrária às hidrovias, e hoje as pessoas estão percebendo que as hidrovias são necessárias. Para um país do tamanho do Brasil, com a quantidade de rios que a gente tem, as hidrovias são extremamente necessárias para a gente escoar a produção que a gente produz neste país. Então, agora, o PAC está a cada ano andando mais rapidamente. Agora em fevereiro de 2010 eu vou lançar um outro PAC 2010/2014. Por que eu tenho que lançar agora? Porque se eu não lançar agora, eu não posso colocar no orçamento de 2011, não posso colocar no Plano Plurianual. Então, eu preciso colocar, preparar, colocar na LDO, colocar no orçamento, para quem vier depois de mim já ter mais ou menos a coisa pronta, e ter que continuar. Gente, bom final de semana para vocês. No dia 1º de julho torçam para o Corinthians ganhar a Copa Brasil.

Jornalista: Que é isso, Presidente? Contra o meu time!

Presidente: Mas é que eu também sou Colorado. Acontece que eu também sou Colorado, mas eu quero que aconteça... Eu sou vascaíno no Rio e sou Colorado no Rio Grande do Sul. Então, eu acho que... eu não quero que o Internacional perca duas vezes, só empatar de zero a zero está bom.

(\$31EGJLP)